



PERSONA

## CICI: A ARTE DE VIVER O MITO

*CICI: THE ART OF LIVING THE MYTH*

*CICI: EL ARTE DE VIVIR EL MITO*

**RAFAEL MORAIS**

**HEBE ALVES**

Foto: Ananda Ikshima

---

MORAIS, Rafael; ALVES, Hebe.  
Cici: a arte de viver o mito.  
Repertório, Salvador, ano 22, n. 33, p. **209-223**, 2019.2

DOI: <https://doi.org/10.9771/rv0i33.34768>

## RESUMO

Trata-se de uma perspectiva sobre a mestra da arte de narrar histórias, pesquisadora, ebome do candomblé e *apetebi* do culto de Ifá, vovó Cici. Traça um panorama de sua vida como narradora a partir da vivência com os mitos. São compartilhadas reflexões advindas da simbologia e do contexto social, político e religioso que envolve o mito. Traz referências do contato de Cici com o etnólogo e babalaô Pierre Fatumbi Verger e recorre a algumas referências de Hampâté Bâ. O texto revela o olhar do artista e pesquisador Rafael Morais sobre a mestra Cici, ressaltando o valor de uma narradora que é capaz de viver o mito em todas as suas nuances e tem domínio pleno da arte da palavra narrada. Partilha exemplos diversos sobre o saber de tradição oral, apoiado em reflexões a partir de vivências e processos criativos junto à Companhia Teatro Griô. Compartilha, ainda, uma história pouco difundida da cultura afro-brasileira, pelas próprias palavras usadas pela mestra Cici, como exemplo de sua maneira de passar ensinamentos através do mito.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Vovó Cici. Tradição oral. Arte de narrar histórias. Vivência. Mitologia afro-brasileira.

## ABSTRACT

*It is a perspective on the master of the art of storytelling, researcher, ebome of candomblé and apetebi of the cult of Ifá, vovó Cici. It traces an overview of her life as narrator, from the experience with myths. Reflections from the symbology and the social, political and religious context involving the myth are shared. It brings references of Cici's contact with ethnologist and babalaô Pierre Fatumbi Verger and uses some references of Hampâté Bâ. The text reveals the look of artist and researcher Rafael Morais on master Cici, emphasizing the value of a narrator who is able to live the myth in all its nuances and has full mastery of the art of the narrated word. It shares several examples about the knowledge of oral tradition, supported by reflections based on experiences and creative processes with the Teatro Griô Company. It also shares a little widespread history of Afro-Brazilian culture, by the very words used by master Cici, as an example of her way of passing teachings through myth.*

### **KEYWORDS:**

Grandma Cici. Oral tradition. Art of storytelling. Experience. Afro-Brazilian mythology.

## RESUMEN

*Se trata de una perspectiva sobre la maestra del arte de narrar historias, investigadora, ebome de candomblé y apetebi del culto de Ifá, vovó Cici. Traza un panorama de su vida como narradora, a partir de la vivencia con los mitos. Se comparten reflexiones devenidas de la simbología y del contexto social, político y religioso que involucra el mito. Trae referencias del contacto de Cici con el etnólogo y babalaô Pierre Fatumbi Verger, y, recurre a algunas referencias de Hampâté Bâ. El texto revela la mirada del artista e investigador Rafael Morais sobre la maestra Cici, resaltando el valor de una narradora que es capaz de vivir el mito en todas sus nuances y tiene dominio pleno del*

### **PALABRAS CLAVE:**

Vovó Cici. Tradición oral. Arte de narrar historias. Vivencia. Mitología afro-brasileira.

*arte de la palabra narrada. Comparte ejemplos diversos sobre el saber de tradición oral, apoyado en reflexiones a partir de vivencias y procesos creativos junto a la Compañía Teatro Griô. Además presenta una historia poco difundida de la cultura afro-brasileira, en las propias palabras usadas por la maestra Cici, como ejemplo de su manera de pasar enseñanzas a través del mito.*

**“CICI, SÃO APENAS QUATRO LETRAS!”**. Assim gosta de se apresentar a notável mestra narradora vovó Cici, conhecida no âmbito religioso como ebome Cici. Com o nome de nascimento Nancy de Souza e Silva, ela prefere resumir toda a sua experiência de pesquisadora da cultura afro-brasileira e africana, de sacerdotisa do candomblé, de *apetebi* iniciada nos cultos de Ifá, de educadora e de escritora, simplesmente como uma contadora de histórias.

Dona Cici nasceu em 2 de novembro de 1939 no Rio de Janeiro. Sua família paterna era de Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, e seus parentes maternos de Rocha Leão, interior do Rio de Janeiro. Sua mãe, Dulce Coelho, trabalhava como copeira na pensão da avó Mariana Rosa da Conceição. A família do pai de Cici era dona de uma pensão de estudantes e uma tia de Cici trabalhava na casa de uma família alemã, de sobrenome Mayer, que morava no bairro de Santa Teresa, nos anos de 1940, e tinha duas crianças. A tia a levava ao trabalho todos os dias e, assim, a menina Cici passava a maior parte do tempo convivendo com as crianças alemãs Johannes e Peter. Cici contou-me que os meninos eram um pouquinho mais velhos que ela, mas os três eram tão unidos que não dava nem para perceber as diferenças étnicas entre eles. Por essa razão, quando Cici chegou à escola, já sabia falar e ler alemão, e as primeiras histórias aprendidas por ela foram de origem alemã, histórias de tradição oral compiladas e difundidas pelos irmãos Grimm, como João e Maria e Branca de Neve.

Foi mais tarde, ao encontrar aquela que tinha sido a babá de seu pai, chamada Ziza, Cici escutou a primeira história que tocou fundo em sua alma. Logo percebeu algo diferente na história narrada por aquela senhora negra. Um conto de bicho, entremeado por uma cantiga, num idioma até então desconhecido de Cici. Era uma história de origem congoleza, uma história afro-brasileira. Cici gosta de narrá-la até hoje, encantando crianças e adultos.

Quando Cici tinha 18 anos, sua mãe deu à luz uma menina e, um ano e meio depois, deu à luz a mais um menino. Então, sua mãe a chamou e lhe trouxe o seguinte desafio: “Eu tenho que trabalhar para garantir o nosso sustento. Preciso de sua ajuda: ou você toma conta de seus irmãos, ou eu venho dar atenção a eles e você cuida dos negócios com a pensão”. Cici conta que preferiu cuidar das duas crianças. Ela avalia que esse foi o seu chamado para que se tornasse a contadora de histórias que é hoje. Constitui-se atualmente como uma verdadeira mestra da palavra, que tem consciência do seu poder de transformação na vida das pessoas que a escutam, em consonância com os saberes advindos das tradições orais de matriz africana.

As tradições orais africanas criam um laço misterioso, sagrado e profundo que liga o ser humano à palavra. Nesse contexto, portanto, a palavra é tomada como testemunho daquilo que a pessoa é. No âmbito da tradição oral, a palavra tem um papel fundamental no desenvolvimento da vida social; a função da memória é valorizada e mais desenvolvida; a ligação com a palavra é mais forte; o homem está mais comprometido com sua fala. A palavra adquire um lugar de honra. Nas tradições orais africanas, a palavra não é utilizada de maneira imprudente, pois é portadora de “forças misteriosas”, exerce um papel de agente mágico. Como atesta Amadou Hampâté Bâ (1982, p. 182), “A palavra falada se empossa, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas”.

Cici dedica-se cotidianamente aos meninos e meninas atendidos pela Fundação Pierre Verger,<sup>1</sup> onde ela trabalha de segunda a sábado. Porém, Cici encontra disposição, apesar de seus 80 anos, para contar histórias em muitas instituições, como universidades, teatros, museus, festas literárias, bibliotecas, escolas e terreiros, na Bahia, em outros estados brasileiros e em diversos países. Segue adiante como

**1** A fundação foi criada por Pierre Verger em 1988, no bairro do Engenho Velho de Brotas, em Salvador. Funciona na mesma casa em que Pierre Verger viveu durante anos, na Ladeira da Vila América.

uma guardiã do legado de Pierre Fatumbi Verger, etnólogo e fotógrafo francês, babalaô muito importante para o candomblé e para a difusão e o respeito à cultura afro-brasileira. Cici refere-se a Pierre Verger como “meu pai Fatumbi” e conta: “Se não fosse o meu pai Fatumbi, eu não saberia o que eu sei contar hoje. A palavra ‘Fatumbi’ indica que seu portador não nasceu lá. Toda pessoa que tem no nome iorubá a palavra ‘otum’, significa que ela não nasceu lá, que nasceu em outro lugar. Quer dizer, ele é de lá, mas não nasceu lá. (I)Fa-(o)tum-bi. Às vezes, a gente diz renascido para Ifá. Mas é filho de Ifá que nasceu em outro lado, em outro lugar”.

O “babalaô”, traduzido literalmente do idioma iorubá, significa o “pai do segredo”, e é sacerdote do culto de Orumilá-Ifá, o Senhor da Adivinhação. Os babalaôs são a autoridade máxima do culto de Ifá. Cici trabalhou como assistente de Verger, catalogando e legendando 11 mil fotografias, convivendo com seus ensinamentos, histórias e pesquisas. Ela guarda em sua memória, com muito carinho e gratidão, muitos ensinamentos de sua convivência com Verger, a quem gosta de pedir a licença e proteção, juntamente aos babalaôs, aos griôs e aos ancestrais, antes de qualquer atividade de narração de histórias.

Narrar histórias, para Cici, não é simplesmente compartilhar informações de enredos ou puro entretenimento, mas um momento profundo de encontro com o sagrado, de plenitude. É, antes de tudo, uma missão. Ela conhece toda a simbologia e o contexto social, político e religioso que envolve o mito. Apesar disso, a experiência de escutar vovó Cici narrar história não é simplesmente algo didático. É uma espécie de encantamento. Um encontro com a vivência do mito que não é somente intelectual. O poder da história passa à frente, e tem qualquer coisa que a mantém acima e além do cotidiano. Quando escutamos Cici contar a história, somos tragados para a vivência das imagens da narrativa.

Quando narra histórias para pessoas de todas as idades, Cici pode abarcar de atmosferas sutis de encantamento até a mais plena consciência crítica a respeito da vida ou da morte. Não tem receio de aprofundar nas imagens da narrativa seus aspectos sombrios e ambíguos. Seu corpo, frágil no cotidiano, dilata-se ao dar voz a guerreiros implacáveis ou a deusas transbordantes de sedução. Seus movimentos precisos conseguem exprimir pavor, horror ou êxtase e a mais sublime alegria. Seu corpo, sua voz e seu olhar moldam-se como uma matéria-prima

fluida, plenamente a serviço da expressão da história. Seu repertório é vasto, pois reúne histórias de ensinamento, ligadas ao repertório dos babalaôs e do culto de Ifá, histórias de orixás, histórias de bichos e histórias de espíritos encantados, além de muitos causos compostos a partir de sua própria vivência e também dos encontros nos quais ela continua a dialogar e aprender constantemente.

A tradição oral, segundo Hampâté Bâ (1982, p. 187), baseia-se em certa concepção da vida que pode causar estranhamento à mentalidade cartesiana, acostumada a separar tudo em categorias bem definidas, pois “A tradição africana não corta a vida em fatias e raramente o ‘Conhecedor’ é um ‘especialista’. Na maioria das vezes, é um ‘generalizador’” e seus conhecimentos consecutivamente beneficiam um uso prático. A tradição oral tem a sua cadeia de transmissão, e seus elos são os tradicionalistas, mestres e narradores tradicionais que, a depender da região e tradições específicas, assumem diversas atribuições e maneiras particulares de exercer sua função. Os chamados “tradicionalistas” são as testemunhas da memória viva da África, os depositários da herança da tradição oral. Para ele, a tradição oral é a grande escola da vida, dotada de uma palavra viva, a qual envolve simultaneamente as crenças, as ciências, as artes, a história, as brincadeiras, o jogo, tudo isso continuamente a nos remeter à “unidade primordial”; uma tradição, fundada na iniciação e na experiência, que transmite conhecimentos e na qual o espiritual e o material não estão dissociados.

Bâ afiança que a tradição não tem uma concepção abstrata que se isole da vida, pois esta se liga ao comportamento cotidiano do homem: “ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma presença particular no mundo – um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se ligam e interagem”. (BÂ, 1982, p. 183) Os “tradicionalistas” podem ser chamados por muitos nomes, a depender da região e, conseqüentemente, da língua. Em bambara, são chamados de *doma* ou *soma*, os “conhecedores”, ou *donikeba*, “fazedores de conhecimento”. Já para os fulas, de *silatigui*, *gando* ou *thiorinki*, que, segundo Hampâté Bâ (1982), possuem o mesmo sentido de “onhecedor”. Cici é o que poderíamos chamar de uma mestra conhecedora.

Sinto-me à vontade para partilhar, aqui neste texto, algumas considerações sobre a grande mestra que Cici é, recorrendo para isso à memória de testemunhos

dados a mim num contato continuado com essa mestra junto à companhia Teatro Griô. A partir da vivência com Cici, pela convivência e pela trilha de aprendizado profundo na qual ela nos conduz, nessa caminhada de cumplicidade e respeito, posso afirmar que Cici é detentora de um saber vivo. Desvenda o mundo à sua volta e desvela o maravilhoso que existe dentro de si mesma e de seus semelhantes. A própria Cici é uma exímia pesquisadora e curiosa; consegue decifrar os segredos das folhas, das palavras, dos nomes das pessoas, das cidades, dos bichos, os segredos submersos nas histórias. Ao nos dar a mão numa caminhada, seja recebendo-nos em sua casa ou entrando em nosso lar, Cici vai interpretando o mundo à nossa volta e, magicamente, nos convida a entrar em seu mundo, por meio do seu olhar, fazendo-nos também enxergar e ler a realidade de uma maneira diferente, como uma guia do âmbito das imagens que antes estavam veladas, submersas, embaçadas.

Cici sabe contar as histórias das plantas, dos deuses, dos animais, dos humanos e de outros seres viventes na natureza. Uma dessas vertentes, por exemplo, é o conjunto de histórias por trás de cada comida oferecida aos orixás. Tive a alegria de aprender com Cici a cozinhar essas comidas e, durante todo o processo de preparo dos ingredientes e de cozimento dos alimentos, escutar a história de cada uma delas, de sua origem e muitas curiosidades que me fizeram compreender melhor não somente o contexto da cultura afro-brasileira, mas a sociedade baiana como um todo. Cici reuniu essas histórias no livro *Cozinhando histórias*, editado pela Fundação Pierre Verger. Ainda pude, em muitas ocasiões, escutar dela as histórias de inúmeras cantigas, acompanhadas das explicações dos ritmos e do sentido por trás de cada uma delas, das danças, das roupas, penteados e pinturas. Assim, confirmei, mais uma vez, que as histórias, além de narradas por palavras, podem ser contempladas e lidas através de todos os nossos sentidos. Uma experiência intraduzível é ter a oportunidade de escutar Cici decifrando através das imagens uma fotografia, ou mesmo uma paisagem vista do carro a caminho do teatro.

Certa vez, no processo criativo de um de nossos espetáculos da companhia Teatro Griô, dos quais Cici integrou por algumas vezes o elenco, ela me escutou narrar uma história que não existe publicada em nenhum livro, segundo o meu conhecimento e dos pesquisadores com os quais mantenho constante diálogo.

Recebi a história de presente de uma senhora de uma comunidade rural a qual visitei, que quis demonstrar sua gratidão por ter participado de uma de minhas oficinas da arte de narrar histórias. Aquela senhora havia escutado a história de sua bisavó, natural do Recôncavo Baiano. Ao escutar de mim aquela história, Cici pediu-me que não lhe desse nenhuma referência sobre o conto. Simplesmente, pelos nomes dos personagens, pela trama, pelo estilo da narrativa, decifrou de maneira bastante coerente a origem da história, dando uma verdadeira aula sobre as distintas etnias que constituíram a diáspora negra em território baiano e sobre o seu valioso legado para a nossa formação. Naquele instante, eu confirmei mais uma vez que uma coisa é ler, escutar, estudar ou aprender uma história. Outra coisa é viver o mito. Cici vive plenamente os mitos.

Cici é como uma espécie de museu vivo da cultura afro-brasileira e, assim como outra importante mestra com quem tive a oportunidade de conviver e aprender muito, a saudosa escritora e ialorixá Mãe Beata de Yemonjá, pude presenciar serem elas reconhecidas por outros mestres conhecedores, mesmo antes de serem apresentadas, pela sua simples presença, onde quer que vão, em restaurantes, aeroportos, teatros e centros culturais. Figuras como Cici e Beata de Yemonjá são donas de uma presença imanente que se irradia onde quer que estejam, mesmo longe do âmbito religioso ou artístico. Presenças que ensinam e encantam pela convivência, pelo que simplesmente são. Pessoas donas de uma imensa humildade e discrição que, como um imã, atraem o olhar, chamam a nossa atenção. Sempre que estive com Beata, ou sempre que estou com Cici, lembro de um ditado sufi: “Só é verdadeiramente seu aquilo que pode sobreviver a um naufrágio”.

Para Cici as histórias vêm do céu e chegam até nós através dos sonhos, brincadeiras, situações da vida, livros, conversas, contemplação da natureza, das inspirações dos encantados e, principalmente, da palavra dos contadores de histórias. Ela está sempre ensinando e aprendendo através das histórias. Aprende com as crianças, os adultos, os outros velhos e sempre está disposta a compartilhar aquilo que assimila.

Desde que escutei Cici pela primeira vez, fui tomado de profunda admiração. Já faz aproximadamente duas décadas, mas o entusiasmo só cresce, o que talvez

torne difícil apresentá-la a quem não a conhece, pois pode parecer que faço elogios na tentativa de descrevê-la. Porém, aprendi com alguns mestres de tradição oral, dentre os quais a própria Cici, a não mentir num depoimento, a buscar uma palavra coerente com as minhas convicções, com o que acredito.

Quando Cici me escutou narrar histórias pela primeira vez, senti-me profundamente honrado com a sua generosa escuta. E qual não foi a minha surpresa ao ouvir seu entusiasmado retorno, visto que ela dominava, além do âmbito da tradição oral, também as diversas competências e técnicas que eu havia acabado de utilizar na apresentação do espetáculo de narração de histórias. Cici tem um senso crítico dos elementos da cena. Tem consciência dos recursos estéticos do meu ofício de ator e pessoa de teatro e estabeleceu um diálogo sofisticado sobre as escolhas de meu processo criativo a partir da apreciação estética do que tinha acabado de assistir. Desde então, passou a ter lugar de honra não apenas em minha plateia nas estreias, mas nos ensaios abertos e consultorias em meus processos criativos; também, em algumas ocasiões, dividindo a cena comigo e os demais artistas do Teatro Griô, o que, para todos nós, é um grande privilégio.

Enquanto escrevia este texto, escolhi uma das inúmeras histórias que ela já me contou e pedi a Cici que narrasse mais uma vez para que eu pudesse compartilhar aqui. E como um exemplo da maneira como Cici vai desfiando seus ensinamentos, escrevi no *box* abaixo, com as próprias palavras que ela narrou para mim:

cici: Na minha cultura, existe um monte de tabus. Alguns tabus até criados pelas próprias pessoas, de não querer contar ou cantar certas histórias. E essa história que eu gosto de contar é tabu. Eles não gostam nem de contar e nem de cantar. Então, nem todas as pessoas de candomblé conhecem essa história. De fato, algumas conhecem as sociedades das quais nós vamos falar nessa história, e somente praticamente as pessoas que participam do culto de Babá Egungun que conhecem essa cantiga que eu conto na história, porque o repertório de cantigas que se cantam no culto aos mortos são cantigas para o espírito, não é?! Nós fazemos uma diferença bem grande: tem o espírito e tem o corpo.

Dentro da minha cultura, os mais velhos, diziam, do meu tempo pra trás, que, quando alguém morria, seu espírito ficava pela Terra por uns sete dias. Por isso, quem tem o conhecimento e condições financeiras, a depender do seu parente que falece naquele momento, o tempo de feitura será equivalente aos dias de festa, e, ou então para alguém que já faleceu, quando se fazem essas cerimônias, se cantam cantigas para o espírito daquela pessoa, depois cantamos cantigas para os orixás daquela pessoa. Porque o espírito, todo mundo sabe, é imortal.

Nem todo mundo está preparado na vida para morrer; eu mesma não estou. Eu tenho um medo da morte, que é uma coisa triste. E o meu destino, o *odu* do meu destino, é a morte, é *iku*. Eu mooorro de medo. Então, as cantigas do espírito, para que a gente se conforme com essa nova etapa da vida, é que são pouco conhecidas das pessoas. Um exemplo é essa história e essa cantiga. Nem todo mundo conhece. É, digamos, só um grupo de elite do candomblé, porque eles não gostam de passar todos os conhecimentos ou todas as coisas. Não estou falando de fundamentos, eu estou falando de tradição, do cotidiano. Meu pai Fatumbi me ensinou contar histórias da minha cultura; elas abrangem o social, o político e o religioso. Dentro do candomblé, só ficou, na realidade, o religioso.

Então, eu gosto de contar essa história e eu acho que todo mundo tem o direito de conhecer e saber. A história, ela não é propriedade de uma pessoa. A história é propriedade do mundo inteiro. O mundo é uma grande mistura, e quantas histórias que a gente conta que as pessoas se encontram nela?! E eu tenho saído daqui, ido para outros países: eu contar a história, ser traduzida e as pessoas ainda choram quando eu conto a história. Viu?! E eu digo a você que são pessoas, entre aspas, de culturas diferentes. A cultura, a

etno, pode ser diferente, mas a temática, as coisas que se passam são uma só: o riso, a alegria, a tristeza, a lágrima; é para qualquer pessoa, seja ela verde, amarela, azul ou roxa, ou lá a cor que tiver, ou a língua que ela fala: o sofrimento é um só. Então, a gente também se emociona com as histórias dos outros, de outros grupos, de outras etnias, porque a história tem esse dom. De fazer a gente... A história é mágica, uma história tem esse dom da gente estar aqui, mas ela é capaz de levar a gente a ser um personagem da história que a gente conta e, na mesma hora, a gente se transformar neles, não é?! Quando você conta uma história, quando vocês da Companhia Teatro Griô narram uma história, fazem um personagem, é muito interessante.

Eu lembrei hoje, de você, Tânia, Clarinha, e as outras e outros contadores do seu grupo contando as histórias, me emocionei. Você pode fazer uma apresentação aqui antes do ano terminar? Olha, a história, ela vai em várias bocas. A história deixa características, não é?! Também pelas memórias. Então, através da sensibilidade, da memória, a gente vai guardando as situações que acontecem. Então, veja bem na história que eu vou lhe contar, é a consciência humana. O que é consciência humana? É quando a gente traz, de alguma forma, as histórias que a gente aprendeu com os nossos ancestrais. Eu canso de dizer, muitos deles “não sabiam fazer um ‘o’ com o copo”. Mas tinham a memória. A cabeça. O *ori*. [Canta]: “Orixá Ori, Ori, Orixá. È de lerequè. Orixá Ori. Ori Orixá. È de lerequè”. O primeiro orixá que nasce é *ori*, a cabeça. A cabeça é o mundo do ser humano. Porque, dentro da cabeça, cabem todas as coisas. Então, a gente, quando conta uma história, a gente guarda o respeito aos nossos ancestrais.

E essa história que você escolheu para contar no seu trabalho do doutorado é muito interessante, a história de três jovens que conseguem ingressar na universidade. Um vai

para a faculdade de Direito, torna-se advogado. O outro vai para a faculdade de Agronomia, para conhecer a terra, as plantações, a cultura. O terceiro, ele vai para a universidade aprender biologia, botânica, aprender o segredo das folhas. Então, esses três jovens se formam e, finalmente, recebem seus diplomas, os seus anéis. Então, os três jovens colocaram as suas roupas de formando, pegaram seus diplomas e foram no lugar mais importante da comunidade. Qual é este lugar? É a feira. É o mercado! A gente aqui chama feira, mas na África é o mercado.

Então, eles três vão para a feira, o lugar que mais aglomeram pessoas. Então, eles foram chegando e as pessoas foram abrindo alas para eles. E todo mundo olhando com um olhar bacana para os meninos com os seus diplomas. Eles entram e, no final da feira, tem um graaannnde pé de iroco. E nesse pé de iroco, existia um velho griô, e esse velho griô fica ali contando histórias, histórias e histórias e ajudando o povo em alguma coisa que ele possa. Então, nesse dia, os três jovens se dirigem ao velho griô e mostram seus diplomas e dizem: “Senhor, o senhor pode nos abençoar?”. Aí o velho olha os diplomas.

O velho pensa e os jovens fazem suas apresentações. Então, o que se forma em Direito pega o diploma e vira para todo aquele mundaréu de gente, todo o povo está à volta, abre o diploma e diz: “Senhores, de hoje em diante, quando vocês tiverem um problema, uma coisa para resolver, não precisa procurar os adeptos do culto Ògboní, porque eu me formei em advogado”. Então, o velhinho ouve aquilo e faz assim... [balança a cabeça para baixo, afirmativamente]. Aí vem o segundo. Aí vira, faz reverência ao povo e diz: “Senhores, quando vocês estiverem doentes, não precisa mais procurar as pessoas do culto de Inlé. Porque, eu, eu também sei o segredo das folhas. Eu também conheço os remédios”. Aí o

velhinho olhou para ele e fez assim... [balança a cabeça para baixo, afirmativamente]. E veio o terceiro. O terceiro fez saudações, sempre primeiramente ao velho griô e ao público. Fez suas saudações e disse: “Senhores, quando vocês precisarem estudar a terra, não precisa mais procurar aqueles que cultuam orixá Okô, nem Dadá Ajaká. Porque, eu, eu me formei em Agronomia. Eu, eu estudei os segredos da terra”.

Aí o velho griô agradeceu e disse: “Vou contar uma história a vocês”. E, então, o velho griô cantou a seguinte cantiga: “*Iku té, ilê, sarê olumbó. Olumbó, sarê ajá. Ajá, sarê okurin. Okurin, tombé lorum*”. Então, quando eles ouviram a cantiga, tomaram a bênção e abaixaram a cabeça para o velho griô e foram embora. Porque dentro da minha cultura, às vezes, o outro faz uma coisa e a gente não diz nada, a gente não fala nada, a gente fica com a boca fechada, entendeu? Você não diz, você não reprime, você não diz nada, você só canta. Entendeu?

O que foi que o griô disse? *Iku té, ilê* – ele disse: a morte saiu para passear. No meio do caminho, achou uma pedra, se sentou e ficou observando os vivos, e com seu saco bem junto da sua perna. E observa tudo que estava se passando naquele dia. *Iku té ilê* – a morte saiu de sua casa, ficou observando a vida.

Sarê olumbó – Ah, aí veio o rato. E ela tá olhando o rato desesperado. Todo machucado, e o gato atrás. Ora, o gato apertava o rabinho, e o bicho tentava se soltar, e ele soltava a mão e metia as unhas nas costas do rato. E ele foi, e chegou, e comeu o ratinho. Quando ele tá bem lambendo os bigodes.

Olumbó, sarê ajá – Nisso, veio o cachorro e matou o gato. Na mesma hora. A morte está observando. Ele vai e mata o gato. E quando ele está se refastelando, vem o homem dono do gato e mata o cachorro.

Ajá, sarê okurin – O dono do gato dá uma cacetada no cachorro e mata. Porque o gato era dele. E aí a morte vê tudo aquilo e canta: Okurim, tombé lorum – ela mata o homem, abre o saco, coloca dentro, fecha o saco, bota nas costas e vem andando e cantando: “Iku té, ilê, sarê olumbó. Olumbó, sarê ajá. Ajá, sarê okurin. Okurin, tombé lorum”.

Dentro do culto do axexê, é uma das cantigas que a gente dança para que o espírito saiba se conformar, porque são fases. Às vezes, a gente é como um rato, que passa a ser um gato, que também pode ser um cachorro, ou passar a ser um homem. E a morte leva todo mundo. Rato, gato, cachorro e homem.

Temos convivido com diversos notáveis narradores dos cinco continentes, muitos deles donos de imensa técnica e carisma, mas, em minha opinião, nenhum deles se compara a Cici. É uma pessoa especial, e eu sinto como uma dádiva da existência poder viver no mesmo tempo que ela e usufruir de seus ensinamentos.

Num mundo de tanta intolerância, violência, rudeza e desencanto, Cici ajuda-me a confirmar uma convicção minha de que o encantamento não morreu nos seres humanos, mas permanece de alguma maneira adormecido, muitas vezes em estado letárgico. Contudo, em momentos extraordinários como a oportunidade de ouvir Cici narrar um mito, esse encantamento pode ser acordado, ativado em cada um de nós.

Cici, antes de narrar um mito de orixá, sempre gosta de lembrar de um texto de seu pai Fatumbi, que diz que antigamente os orixás eram homens, que se tornaram orixás por causa de suas virtudes, e as histórias de seus feitos foram transmitidas de geração em geração para render-lhes homenagens. Muitos homens e mulheres passaram sobre a face da Terra e foram esquecidos. E eu consigo enxergar em Cici essa força que vem dos seus ancestrais, carregada de muitos símbolos. Ela mesma encarna muitas virtudes, com sua missão de contadora de histórias, numa existência digna de ser sempre lembrada, festejada e homenageada.

## REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (org.). *História geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática: UNESCO, 1982.

FREGONEZE, Josmara; JESUS, Marlende; SOUZA, Nancy (Cici). *Cozinhando história*. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2015.

VERGER, Pierre. *Lendas africanas dos orixás*. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2019.

VERGER, Pierre. *Orixás: deuses lorubás na África e no novo mundo*. Salvador: Corrupio, 1981.

**RAFAEL MORAIS:** é doutorando, mestre e bacharel em Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pós-graduando em Mitologia Comparada à Psicologia Analítica no Instituto Junguiano da Bahia (IJBA). Narrador, ator, encenador e professor de Teatro. Coordenador artístico da Companhia Teatro Griô.

**HEBE ALVES:** é professora associada da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA.